

Acordo para a dívida

Sérgio Moraes

Rockefeller afirma que as negociações estão progredindo

BRASÍLIA — As conversações para o fechamento de um acordo em torno da dívida do governo brasileiro com os bancos privados estão evoluindo “alentadoramente”, comentou ontem David Rockefeller, presidente do Conselho Consultivo Internacional do Chase Manhattan Bank, um dos maiores credores do Brasil. “Eu conversei ontem à noite com o ministro Marcílio e, pelo que ele me disse, acredito que o acordo está próximo do fim”, disse Rockefeller, que foi recebido pelo presidente Fernando Collor no Palácio do Planalto. O ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, está em Washington discutindo a renegociação da dívida externa brasileira com os bancos comerciais. A dívida de médio e longo prazos do Brasil com o Chase chega a US\$ 1,7 bilhão.

Depois de um encontro de aproximadamente 30 minutos com Collor, Rockefeller afirmou que foi uma conversa positiva e útil sobre a economia brasileira. Ele evitou comentar os reflexos das denúncias envolvendo o ex-tesoureiro da campanha de Collor, Paulo César Farias, sobre o acordo da dívida. Questionado sobre o assunto, afirmou apenas que “a solução da dívida seria muito boa para o Brasil”.

No Rio, o banqueiro visitou o Museu de Arte Moderna (MAM), onde falou à imprensa e destacou que não há modo fácil de contornar a crise política: “Este é um trabalho que precisa conjugar ações políticas e econômicas”, ponderou. Sua opinião foi compartilhada pela maioria dos banqueiros que também visitaram o Museu. “A CPI retardará a recuperação econômica do país, mas não é nenhum fim do mundo”, disse Ronaldo César Coelho, do



Rockefeller no MAM: ações políticas e econômicas

Multiplic. Coelho advertiu que a única forma de a crise política afetar as relações do Brasil com a comunidade financeira internacional é se a CPI acabar derrubando as instituições.

Mais tranqüilos estavam o presidente do Individual Bank do Chase, Lywal Salles, e o vice-presidente do Banco Bozano, Simonson, Cristiano Buarque Franco Neto. Salles não acredita num *impeachment* e acha que as institui-

ções brasileiras são fortes o suficiente para enfrentar qualquer CPI. “A crise perturba mas não amarra o país”, disse. Franco Neto advertiu que os brasileiros só saberão mesmo sobre o desenrolar da crise quando ela desaguar no Judiciário. O executivo avisa que até lá as turbulências continuam e que muita gente vai aproveitar as incertezas para especular. “O país está nervoso mas não está agonizante”, afirmou. “Vamos esperar.”